



Facilitadores e Dificultadores do Empreendedorismo: Uma *Survey* no Rio Grande do Norte

Hávila Maria Abreu Barbosa, Sueldo Lopes Câmara Júnior,
Eliana Andrea Severo, Rossana Parizotto Ribeiro

RESUMO

O empreendedorismo tem-se expandido nos últimos, fomentando o progresso econômico, gerando novos empregos e riqueza para os países. Entretanto, vários fatores podem favorecer ou dificultar a prática empreendedora. Este estudo tem como objetivo identificar os fatores facilitadores e dificultadores ao empreendedorismo no Estado do Rio Grande do Norte. A metodologia utilizada foi uma pesquisa quantitativa e descritiva, por meio de uma *survey* aplicada a 224 respondentes. Os resultados destacam, dentre os fatores facilitadores, o conhecimento sobre a maneira de fabricar um produto/trabalhar um serviço e condições de contratar mão-de-obra qualificada, e dentre os fatores dificultadores, o receio do fracasso ou do risco de ter o próprio negócio, a quantidade de exigências burocráticas e o acesso a programas de orientação empreendedora para criar ou manter um negócio. A pesquisa amplia o conhecimento sobre tais fatores e de como estes podem colaborar ou inibir o empreendedorismo.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Fatores. Facilitadores. Dificultadores. Rio Grande do Norte.

1 INTRODUÇÃO

A temática do empreendedorismo tem se expandido tanto no contexto mundial quanto no contexto nacional nas últimas décadas. Em termos conceituais, o empreendedorismo está diretamente relacionado com a criação de novos negócios, como também com a inovação.

A combinação de vários fatores como aumento do índice de desemprego, a nova economia (caracterizada por empresas virtuais), busca pela independência através do próprio negócio e a relevância das micros e pequenas empresas, tem favorecido maiores debates acerca desse tema, contribuindo para o aumento do número de pesquisas voltadas sobre o assunto, bem como para a criação de programas direcionados para o público empreendedor (DORNELAS, 2015; KORSGAARD; ANDERSON; GADDEFORS, 2016; EDOHO, 2016).

O empreendedorismo está relacionado com recursos físicos, financeiros e humanos, sendo de suma importância para a geração de empregos, oportunizando as pessoas desenvolverem novos comportamentos e habilidades e, conseqüentemente, surgimento de novos negócios (BECKER, 2017). Apsan (2014) corrobora essa ideia quando ressalta que o empreendedor, ao iniciar o seu negócio, movimenta a economia, gera novos empregos, favorece o aumento de arrecadação de impostos para o governo, proporciona desenvolvimento e gera riqueza para os países e, em sua maior parte, fomenta a inovação e tecnologia.

A literatura acerca do tema sugere vários fatores que podem favorecer ou dificultar a prática empreendedora, tais como: disposição para assumir riscos, conhecimentos e habilidades para gerir o negócio, realização pessoal, disponibilidade de recursos, legislação, exigências governamentais, acesso às instituições de apoio e financeiras (CUNHA; BARBOSA, 1996; AGRAWAL; GUGNANI, 2014; TESTAS; MOREIRA, 2015; SOUZA et al., 2016; GEM, 2017; GADDEFORS; ANDERSON, 2017).

No que tange o empreendedorismo no Estado do Rio Grande do Norte (RN), a pesquisa Índice de Cidades Empreendedoras 2016, realizada pela Endeavor Brasil, classifica a capital



potiguar como primeiro lugar no índice de cultura empreendedora (7,436), o que significa que Natal se destaca entre as principais cidades do País que cultivam a prática empreendedora (ENDEAVOR BRASIL, 2016). Cabe ressaltar que as micros e pequenas empresas (MPEs) praticamente dominam o cenário empresarial do Estado, onde 99,0% das empresas são classificadas como MPEs, mais da metade desse percentual (52,8%) está localizado na região da grande Natal e 45% atuam no comércio (SEBRAE, 2018).

Neste sentido, o presente estudo tem como objetivo identificar os principais fatores facilitadores e dificultadores ao empreendedorismo no Estado do RN, perante a percepção de 224 respondentes. Consoante isso, também se categoriza os fatores do empreendedorismo nas dimensões: pessoal, recursos, governamental e apoio, com intuito de colaborar para uma maior compreensão sobre tais elementos.

Coerentemente, este estudo pretende contribuir para o conhecimento científico, proporcionando amadurecimento teórico-prático para um tema tão relevante para a Administração. Do ponto de vista gerencial, visa ampliar o conhecimento necessário sobre tais fatores e como estes podem colaborar ou inibir o empreendedorismo, não apenas no contexto nordestino, como também brasileiro.

Apesar do crescimento no número de estudos sobre o empreendedorismo, ainda são poucas as contribuições existentes na pesquisa nacional no que se refere aos facilitadores e dificultadores à atividade empreendedora. Assim, faz-se necessária uma investigação mais detalhada a fim de apresentar um diagnóstico fundamentado sobre estes fatores diante da questão do empreendedorismo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O EMPREENDEDORISMO

O empreendedorismo mostra-se uma temática de grande relevância no contexto mundial, sendo referenciada há muitos anos (SHOCKLEY et al., 2006; ANDERSON, 2015; TESTAS; MOREIRA, 2015; IYORTSUUN, 2016; CHAVEZ et al., 2017). Em termos conceituais, empreendedorismo deriva de empreender, definição utilizada no século XVII, na França, para denominar um indivíduo que assumia o risco de criar um novo negócio (LEITE, 2012).

De acordo com Mirzanti, Simatupang e Larso (2018) e Dornelas (2015) o empreendedorismo pode ser definido como o envolvimento de pessoas e processos que, de forma conjunta, propiciam à transformação de ideias em oportunidades e a implementação eficaz dessas oportunidades criam negócios de sucesso. Para Leite (2012), o empreendedorismo, essencialmente, é o processo que permite o nascimento de uma nova empresa e empreendedor é aquele que executa a função empreendedora, assumindo os riscos inerentes a esta função (OJHA, SHOCKLEY; ACHARYA, 2016).

Joseph Schumpeter (1997) descreve a relação entre a inovação, a criação de novos mercados e a ação de empreendedor, denominando essa relação como destruição criativa, que consiste na substituição de antigos produtos e hábitos de consumir por novos. Sua abordagem teórica do fenômeno empreendedor continua sendo uma das principais bases para a análise contemporânea nesse campo e sua perspectiva macroeconômica ainda inspira inúmeros economistas (CROITURO, 2012; WELTER; XHENETI; SMALLBONE, 2018).

Neste contexto, Drucker (2005) destaca diretamente o empreendedorismo e a inovação, ao defender que a inovação é o instrumento específico do espírito empreendedor. Assim, conforme o autor, através deste espírito empreendedor tem-se uma nova capacidade de criar riqueza. Leite (2012) também corrobora com a visão apresentada por Drucker (2005), uma vez que define como ato empreendedor a introdução de uma inovação no sistema econômico e



de empreendedor o agente que executa esse ato.

A combinação de vários fatores como aumento do índice de desemprego, a nova economia (caracterizada por empresas virtuais), busca pela independência através do próprio negócio e a relevância das micros e pequenas empresas, tem favorecido maiores debates acerca desse tema, contribuindo para o aumento do número de pesquisas voltadas sobre o assunto, bem como para a criação de programas direcionados para o público empreendedor (DORNELAS, 2015; OJHA; SHOCKLEY; ACHARYA, 2016).

O valor que o empreendedorismo cria para a sociedade é desproporcional ao seu papel dentro da economia, e esse valor persiste por períodos mais longos da história do que qualquer outra área funcional do mundo dos negócios; ou seja, o empreendedorismo cria externalidades positivas em benefícios que se acumulam além dos contextos espaciais, temporais e populares em que ocorre (SARASVATHY, 2004). Leite (2012) corrobora com esse posicionamento ao apresentar que é de suma importância a presença do empreendedor na economia, pois estes indivíduos estão dispostos a investir, a aplicar seus recursos e carreiras para conseguir o crescimento econômico responsável pela geração de riquezas, empregos e renda para as pessoas participantes desse processo (PACKARD; BYLUND, 2018).

De acordo com Bernardi (2009) e Dornelas (2015), o empreendedor possui um perfil típico de personalidade com características como: senso de oportunidade, autoconfiança, otimismo, persistência, dinamismo, propensão ao risco, entre outras. Assim, o empreendedor de sucesso é aquele que exerce por completo o papel de empreendedor, enfrenta os riscos e faz o possível para transformar sua ideia em uma oportunidade de negócio (DEGEN, 2009; MIRZANTI; SIMATUPANG; LARSO, 2015).

O Global Entrepreneurship Monitor (GEM), tem como objetivo compreender o empreendedorismo no desenvolvimento econômico dos países, apresenta como motivação para empreendedores iniciais a necessidade e a oportunidade. Os que empreendem por necessidade decidem empreender por não possuírem melhores alternativas de emprego ou devido ao desemprego, criando um negócio para seu sustento financeiro; já os que empreendem por oportunidade, ao identificarem uma chance de negócio ou um nicho de mercado, empreendem mesmo possuindo alternativas concorrentes de emprego e renda (GEM, 2017). Porém, alguns autores apresentam outras motivações e razões para empreender, as quais podem ser subjetivas ou objetivas, tais como: necessidade de realização, fuga da rotina profissional, auto realização, status, independência, influência familiar, maior flexibilidade e tempo (BERNARDI, 2009; VALE; CORREA; REIS, 2014; RAIMI, 2015).

Em relação ao empreendedorismo no contexto nacional, o GEM Brasil 2016, ao analisar comparativamente a intensidade empreendedora entre países, classifica o Brasil entre os países impulsionados pela eficiência, os quais são considerados pelo avanço na industrialização e ganhos em escala, com predominância de organizações intensivas em capital. Ainda de acordo com essa pesquisa a taxa total de empreendedores no país é de 36% e 20% dos brasileiros encontravam-se envolvidos com atividades empreendedoras em estágio inicial em 2016, estando o Brasil atrás de países como Colômbia (27,4%), Peru (25,1%) e Guatemala (20,2%) no ranking dos países participante do GEM (GEM, 2017).

A respeito do perfil sócio demográfico dos empreendedores brasileiros apresentado pela pesquisa acima, apesar da diferença entre homens e mulheres empreendedores ser pequena, as mulheres se destacam (19,9%). Pode-se também afirmar que a maioria dos empreendedores é relativamente jovem, pois está na faixa etária de 25 a 34 anos (22,9%), cor parda, com nível de escolaridade alto (pós-graduado - 22,9%) e renda enquadrada nos 33% central (GEM, 2017).

Percebe-se, portanto, a relevância do empreendedorismo e, conseqüentemente, da figura do empreendedor para a economia e desenvolvimento nos níveis mundial, nacional, local, uma vez que a abertura de novos negócios estimula a economia, cria novos empregos, favorece o aumento de arrecadação de impostos para o governo e oportuniza a inovação e



tecnologia (APSAN, 2014).

2.2 FATORES FACILITADORES E DIFICULTADORES AO EMPREENDEDORISMO

A partir da observação, da percepção e análise de atividades, tendências e desenvolvimento surge a ideia de um empreendimento, o qual é influenciado pela cultura, sociedade, hábitos sociais e de consumo (BERNARDI, 2009; SOUZA et al., 2016; GEM, 2017; FREDERICK, 2018). Para Bernardi (2009), a identificação ou visualização de oportunidades em relação às necessidades não atendidas e demandas prováveis é o que vai definir a ideia do empreendimento.

Além da influência de fatores externos, os aspectos pessoais interferem a ação empreendedora (GEM, 2017). Desde as primeiras pesquisas a respeito do empreendedorismo, são estudados quais os traços da personalidade do comportamento empreendedor (MORO; POLI; BERNARDI, 2004; ÂMO; ÂMO, 2013; TESTAS; MOREIRA, 2015), porém os resultados e os instrumentos desenvolvidos nas pesquisas acadêmicas, até o presente momento, não conseguiram mensurar um modelo comportamental padrão do empreendedor (SOUZA et al., 2016).

Testas e Moreira (2015) abordam que o perfil empreendedor é definido, não pelos atributos individuais de cada pessoa ou pelas suas características inatas, mas sim pelo seu comportamento, não sendo possível, desse modo, prever quais seriam os indivíduos que apresentam características empreendedoras. Já para Souza et al. (2016), o empreendedor possui a característica de ser líder e centralizador devido seus aspectos psicológicos e comportamentais, requerendo, assim, habilidade de gerenciamento para administrar o seu negócio

Para Leite (2012), o motivo que estimula o indivíduo a empreender é, sobretudo, a realização pessoal, o qual não tem muita influência dos ganhos monetários. O mesmo autor ainda cita outros fatores intrínsecos que favorece o espírito empreendedor, os quais podemos citar, a vontade de criar o próprio negócio, a motivação de ser o próprio patrão, o prestígio pessoal, a desejo de riqueza e a realização pessoal ou satisfação de ser um vencedor. No entanto, não só positivamente os fatores intrínsecos influencia a ação do empreendedor. Cunha e Barbosa (1996) ressaltam os sentimentos de ambiguidade e de incerteza (como o despreparo e a insegurança) são fortes barreiras de caráter pessoal que interferem negativamente o surgimento do negócio.

A disposição para assumir riscos mostra-se como um fator relevante para prática empreendedora, uma vez que o empreendedor é um sujeito que assume diversos riscos por se deparar constantemente com circunstâncias de incerteza de maneira positiva e encara essas situações como uma viabilidade de um novo negócio (KURATKO, 2011; TESTAS; MOREIRA, 2015). Souza et al. (2016) expressam que o risco do negócio, dependendo de como o indivíduo interpreta essa questão, torna-se um facilitador para aqueles que tem a tendência de arriscar, ao mesmo tempo que, indivíduos que tem aversão ao risco destacam esse fator como um dificultador para as práticas empreendedoras.

Apesar do crescimento no número de estudos referentes ao empreendedorismo, ainda existem poucos trabalhos que remetam a identificação do comportamento empreendedor, abordando quais seria os fatores facilitadores ou barreiras existentes para as práticas empreendedoras. Um desses estudos consiste no trabalho realizado por Souza et al. (2016), em que os resultados da pesquisa mostraram que o comportamento empreendedor está associado a barreiras e facilitadores composto por quatro dimensões: dimensão comportamental/afetiva; dimensão social; dimensão contextual; dimensão de intenção de empreender.

Na pesquisa realizada por Cunha e Barbosa (1996), buscou-se identificar e avaliar os fatores intervenientes no processo de surgimento de novos empreendedores e do crescimento



do negócio. Entre os principais fatores pode-se destacar: o conhecimento sobre maneira de fabricar o produto/trabalhar o serviço; conhecimento de práticas gerenciais; receio do fracasso ou do risco e insegurança quanto a falta de experiência em práticas administrativas; acesso à capital, fornecedores e compras de matéria-prima; exigências burocráticas e tributárias excessivas e complexas; contratação de mão-de-obra qualificada; aspectos de ordens econômica e política (ausência de incentivos ao desenvolvimento da economia local) e relativos ao sistema de apoio (ausência de instituições de apoio em geral e aos pequenos negócios).

No estudo de Testas e Moreira (2015), os autores fazem uma análise teórica dos conceitos de empreendedorismo e de empreendedor e citam os principais motivos que conduzem ao empreendedorismo, abordando as barreiras que o dificultam. Com relação ao receio de iniciar o próprio negócio, os autores citam que uns dos principais fatores seria a possibilidade de entrar em falência e a incerteza da remuneração. Quanto às barreiras existentes para o indivíduo abrir o seu empreendimento, encontram-se: o clima econômico e a falta de apoio financeiro. Já Degen (2009) lista alguns motivos que são barreiras para a maioria das pessoas não quererem empreender, os quais são: a não necessidade de abrir seu próprio negócio ou falta de motivação para isso, não está disposto a investir (tempo e dinheiro) para iniciar um negócio, a imagem social, o capital social e demais interesses individuais.

A pesquisa GEM BRASIL 2016 também apresenta os principais fatores para empreender no Brasil sob a ótica do empreendedor. Dentre os principais aspectos facilitadores para o empreendedorismo listados na pesquisa, podemos citar: acesso a recursos financeiros (recursos de capital), a formação e a capacitação da mão de obra, e os programas de orientação para criar e manter um negócio. Já em relação as barreiras, os principais resultados encontrados foram: a dificuldade de acesso à capital financeiro, a legislação e a carga tributária.

Os aspectos relacionados aos sistemas legal e fiscal possui influência para empreendedorismo. Para Apsan (2014), no Brasil, existe diversos entraves para abertura de empresa independente do setor, a iniciar pela quantidade e lentidão dos procedimentos dos órgãos responsáveis o que pode levar dias para abrir uma empresa. O autor ainda conclui que a carga tributária brasileira é alta, tornando a abertura de uma empresa, independentemente de qual negócio iniciar, um grande risco. Além dos tributos, o excesso de burocracia contribui negativamente para abrir um empreendimento, pois exige que as empresas gastem recursos financeiros no início do negócio para poder atender exigências legais e fiscais e estas acabam por não investir em marketing, compra de equipamentos e produção (CUNHA; BARBOSA, 1996).

Considerando a importância crucial do empreendedorismo e, conseqüentemente da inovação, para o crescimento da economia de um país, o Governo tem um papel determinante nesse contexto devido, através de alguns programas e ações, darem estímulos para desenvolvimento de ações empreendedoras (TESTAS; MOREIRA, 2015; IBGE, 2016; SEBRAE, 2018). As incubadoras, que consistem em uma das formas de interação entre empresas e universidades, também apresentam-se dentre as condições que favorecem o empreendedorismo (APSAN, 2014).

A presença de instituições de apoio e programas específicos são considerados estímulos para o empreendedorismo (APSAN, 2014), entretanto, uma parcela mínima de empreendedores busca esses órgãos para auxiliar o gerenciamento dos seus negócios (GEM, 2017). Essas instituições têm como objetivo contribuir para a criação e desenvolvimento de novos empreendimentos, auxiliando os empreendedores na análise de mercado, elaboração de plano de negócios, dentre outras atividades de apoio (GEM, 2017). Dentre essas instituições, a mais procurada, segundo o GEM BRASIL (2016), é o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), o qual é uma organização conceituada, atuando na capacitação de micro e pequenos empreendedores e na criação de novos negócios (SEBRAE, 2018).

Após essa análise, verifica-se que a ação empreendedora somente irá acontecer, caso



os fatores facilitadores estejam mais presentes do que os dificultadores, ou seja, um empreendedor em potencial terá a intenção em empreender independente das oportunidades financeiras ou perspectivas de sucesso do negócio (facilitadores), ao mesmo tempo que, um outro indivíduo somente terá a intenção de empreender nas circunstâncias de lucro ou sucesso (barreiras) (SOUZA et al., 2016). Assim, considerando conjuntamente tais estudos investigadores da dinâmica do empreendedorismo buscou-se categorizar alguns dos principais fatores que têm sido evidenciados na literatura da área como possíveis facilitadores e dificultadores desse processo (quadro 1), uma vez que estabelecer uma lista completa de fatores seria inviável.

Quadro 1 – Fatores facilitadores e dificultadores ao empreendedorismo

Pessoal / Indivíduo	Apoio
Conhecimento sobre a maneira de fabricar um produto / trabalhar um serviço; Possibilidade de ganhar de dinheiro por meio de uma ideia inovadora; Conhecimento técnico; Habilidade para gerenciar o próprio negócio; Receio de abandonar o emprego para abrir o próprio negócio; Receio do fracasso ou do risco de ter o próprio negócio; Incerteza da remuneração com o próprio negócio; Realização pessoal	Acesso a recursos financeiros (empréstimos ou financiamentos); Acesso à instituições de apoio (SEBRAE, incubadoras, universidades); Acesso à serviços de apoio especializados (contador, consultor, advogado, etc); Acesso a programas de orientação empreendedora; Programas governamentais de apoio e desenvolvimento de novos negócios.
Governamental / Formalização	Recursos
Situação do clima econômico atual; Conhecimento sobre as leis que tratam do empreendedorismo no país; Tributação; Legislação trabalhista; Exigências burocráticas	Capital financeiro; Condições de contratar mão-de-obra qualificada; Infraestrutura (espaço físico, telefone, internet) disponível; Acesso a fontes de matéria-prima necessárias

Fonte: Adaptado de Cunha e Barbosa (1996), Testas e Moreira (2015), Souza et al. (2016), Leite (2012), Apsan (2014), IBGE (2016) e GEM (2017).

Considerando a importância devida dada ao empreendedorismo, torna-se fundamental buscar meios para criar uma sociedade mais empreendedora (ANDERSON, 2015; TESTAS; MOREIRA, 2015). Desse modo, percebe-se a variedade de fatores, sejam positivos ou negativos, que influenciam o indivíduo a empreender, sendo de suma importância uma análise mais cautelosa desses aspectos para buscar o sucesso do negócio, evidenciado os fatores facilitadores e amenizando os efeitos das barreiras.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa quantitativa e descritiva, por meio de uma *survey*. Conforme Hair Jr. et al. (2007) a pesquisa quantitativa é uma técnica utilizada para a análise de grande quantidade de dados e mensurações estatísticas das variáveis observáveis. De acordo com Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa descritiva busca descrever as características de determinada população ou fenômeno ou como ocorre a relação entre variáveis e abrange a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Consoante isso, o levantamento tipo *survey* assume um universo de dezenas, centenas ou milhares de elementos (HAIR Jr. et al., 2007), a qual foi aplicada a 224 pessoas residentes no RN.

O instrumento utilizado foi o questionário, o qual é definido como uma técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações de acordo com o objetivo do estudo (GIL, 2014). Dentre as vantagens da utilização desse instrumento, pode-se citar: economia de tempo, atinge maior número de pessoas simultaneamente, abrange uma área geográfica mais ampla, obtenção de respostas mais rápidas e precisas, menor risco de distorção, maior segurança, entre outras (MARCONI; LAKATOS, 2013).



As variáveis do estudo foram mensuradas através de uma escala intervalar de cinco pontos, variando de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente). O questionário utilizado apresenta 6 questões que caracterizam o perfil sócio demográfico do respondente, 1 questão sobre a pretensão de empreender e 22 questões sobre as dimensões: I) Facilitadores Pessoal/individual; II) Facilitadores de Recursos; III) Dificultadores Pessoal/individual; IV) Dificultadores Governamental; e, V) Dificultadores de Apoio. Consoante isso, estas dimensões das questões foram adaptadas dos pressupostos teóricos de Cunha e Barbosa (1996), Testas e Moreira (2015), Souza et al. (2016), Leite (2012), Apsan (2014), IBGE (2016) e GEM (2017). Para tanto, o questionário foi validado por 2 doutores *experts* na área temática de estudos. Os questionários foram aplicados de forma *online*, pelo formulário do *Google Docs*, bem como ocorreu a coleta presencial, durante o mês de junho de 2018. Na forma presencial, os pesquisadores entregaram os questionários impressos a cada pesquisado e explicaram os objetivos do estudo, como também a sua relevância, garantindo-lhes o sigilo das respostas e da identidade dos respondentes.

A escolha dos respondentes se deu de forma não probabilística. Nesse tipo de amostragem, a variabilidade dos resultados não consegue ser obtida através de uma apuração amostral (FERREIRA, 2015). Obteve-se um total de 227 questionários respondidos, dos quais foram excluídos 3 questionários, pois são considerados *outliers*, por apresentarem as respostas concentradas em uma única alternativa da *Likert*. Dessa forma, a amostra selecionada foi de 224 casos válidos (respondentes).

Tabela 1 – Variáveis (Rotação Varimax)

Variáveis observáveis		Cargas fatoriais	Comunalidade
Facilitadores Pessoal/individual (FIND)			
FIND1	Tenho conhecimento sobre a maneira de fabricar um produto / trabalhar um serviço	0,768	0,678
FIND2	Tenho uma ideia inovadora e acredito que ganharia dinheiro com isso.	0,650	0,583
FIND3	Tenho conhecimento técnico para gerir meu próprio negócio.	0,734	0,695
FIND4	Sinto que possuo habilidade para gerenciar meu próprio negócio	0,728	0,651
FIND5	Me sentiria/sinto realizado(a) em ter meu próprio negócio	0,648	0,559
FIND6	Tenho conhecimento sobre as leis que tratam do empreendedorismo no país	0,470	0,492
Média: 3,029; Desvio Padrão 1,294; Alfa de Cronbach 0,838; KMO 0,832			
Facilitadores de Recursos (FREC)			
FREC1	Tenho dinheiro suficiente para empreender um negócio.	0,823	0,718
FREC2	Tenho condições de contratar mão-de-obra qualificada para empreender um negócio	0,848	0,748
FREC3	Tenho infraestrutura (espaço físico, telefone, internet) disponível para empreender um negócio	0,730	0,590



FREC4	Tenho acesso a fontes de matéria-prima necessárias para empreender um negócio	0,694	0,724
Média 2,071; Desvio Padrão 1,224; Alfa de Cronbach 0,804; KMO 0,810			
Dificultadores Pessoal/individual (DIND)			
DIND1	Tenho pouco receio de abandonar meu emprego para abrir meu próprio negócio	0,746	0,563
DIND2	Tenho pouco receio do fracasso ou do risco de ter meu próprio negócio	0,853	0,744
DIND3	Tenho pouca incerteza da remuneração que ganharei com meu próprio negócio	0,771	0,637
Média 2,918; Desvio Padrão 1,369; Alfa de Cronbach 0,719; KMO 0,610			
Dificultadores Governamental (DGOV)			
DGOV1	O clima econômico atual não é favorável ao desenvolvimento do meu próprio negócio	0,618	0,421
DGOV2	A quantidade de impostos pagos pode dificultar a abertura de uma empresa	0,745	0,605
DGOV3	A legislação trabalhista pode dificultar a abertura de uma empresa	0,770	0,614
DGOV4	A quantidade de exigências burocráticas pode dificultar a abertura de uma empresa	0,790	0,709
Média 3,751; Desvio Padrão 1,175; Alfa de Cronbach 0,739; KMO 0,738			
Dificultadores de Apoio (DAPO)			
DAPO1	O acesso a recursos financeiros (empréstimos ou financiamentos) é difícil	0,558	0,459
DAPO2	O acesso às instituições de apoio (SEBRAE, incubadoras, universidades) à abertura de empresa é difícil	0,808	0,691
DAPO3	O acesso aos serviços de apoio especializados (contador, consultor, advogado, etc) para abrir uma empresa é difícil	0,776	0,614
DAPO4	É difícil o acesso a programas de orientação empreendedora para criar ou manter um negócio	0,829	0,702
DAPO5	Falta programas governamentais de apoio e desenvolvimento de novos negócios	0,563	0,468
Média 3,112; Desvio Padrão 1,130; Alfa de Cronbach: 0,775; KMO 0,775			

Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Para análise dos dados foi utilizada a estatística descritiva com auxílio do *software* SPSS, bem como a Análise Fatorial Exploratória (AFE). Esta análise pode ser definida como uma abordagem orientada por dados, de modo que nenhuma especificação é feita em relação ao número de fatores latentes (inicialmente) ou ao padrão de relações entre os fatores comuns e os indicadores (BROWN, 2006). Esse tipo de análise é considerado uma técnica relativamente complexa que exige dos pesquisadores uma série de decisões para que possa se obter uma estrutura fatorial adequada (DAMÁSIO, 2012).



Neste contexto, os testes usados foram o Alfa de Cronbach, o Kaise, Meyer e Olkin (KMO) e o teste de Esfericidade de Barlett. O Alfa de Cronbach, o qual para ser aceitável deve ficar acima de 0,7 (HAIR Jr. et al., 2007), já o KMO deve ficar acima de 0,5 (HAIR Jr. et al., 2007), assim como para o teste de Esfericidade de Barlett ($p < 0,05$).

Para alcançar o resultado pretendido, utilizou-se também a regressão linear múltipla. A regressão múltipla deve ser aplicada em situações em que a variável dependente que se tem interesse pode ser afetada por mais de uma variável independente (DOWNING, 2011). De acordo com Neufeld (2003), a regressão linear múltipla é uma consequência direta da análise de regressão simples a qual permite mais do que uma variável independente, o que a torna uma ferramenta bastante versátil, podendo ser utilizada em uma grande variedade de problemas estatísticos.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES

Constatou-se que a amostra é formada, em sua maioria, por mulheres (52,23%), pessoas solteiras (55,35%) e de cor branca (50%). Sobre a Faixa etária, 37,05% tem entre 25 a 34 anos e 34,37% tem entre 18 a 24 anos. Em relação a renda familiar, 27,67% recebem mais de 3 até 6 salários mínimos e 27,25% recebem mais de 6 salários mínimos mensalmente. Quanto ao nível de escolaridade, 36,16% possuem o nível médio e 33,92 são pós-graduados.

4.2 ANÁLISE FATORIAL EXPLORATÓRIA

Na AFE foram utilizadas as 21 variáveis (Tabela 1) por meio da extração na Análise de Componentes Principais, baseados nos autovalores. Neste contexto, se aplicou a rotação Varimax com a exibição de todos os coeficientes, para se ter uma visualização geral dos indicadores. Pois, segundo Hair Jr. et al. (2007) os coeficientes, acima de 0,4, são significativos e, portanto, resultam em variáveis latentes denominadas construtos. Na análise de agrupamento das variáveis observáveis a AFE agrupou em 5 construtos (fatores): I) Facilitadores Pessoal/individual (FIND); II) Facilitadores de Recursos (FREC); III) Dificultadores Pessoal/individual (DIND); IV) Dificultadores Governamental (DGOV); e, V) Dificultadores de Apoio (DAPO).

Por conseguinte, a Tabela 1 apresenta o resultado da Análise de Componentes Principais, apresentado a média, o desvio padrão, as variáveis observáveis (questões) e as suas cargas fatoriais. Para verificar a confiabilidade simples das variáveis observáveis calculou-se o Alfa de Cronbach. Coerentemente, os resultados demonstraram que os valores para o Alfa de Cronbach foram superiores a 0,7 para os 5 construtos, bem como 0,813 no cálculo englobando os dados conjuntamente, o que atesta a confiabilidade dos dados.

No que tange a preparação dos dados, realizou-se o teste de Esfericidade de Barlett ($p < 0,05$), que analisa a homogeneidade das variâncias, assim como o KMO. Quanto ao teste de Esfericidade de Barlett os resultados foram significativos ($p < 0,05$) para os 5 construtos, assim como para o conjunto de dados, o KMO apresentou valor de 0,798 para o conjunto de todos os dados, evidenciando a normalidade destes dados.

Na análise das cargas fatoriais (Tabela 1), verifica-se que as mesmas se encontram acima de 0,4, o que de acordo com Hair Jr. et al. (2007) é considerado aceitável, não existindo a necessidade de exclusão de nenhuma das variáveis observáveis.

No Construto Facilitadores Pessoal/individual (FIND) a questão que apresentou a maior carga fatorial, de 0,768, foi a FIND1 “Tenho conhecimento sobre a maneira de fabricar um produto/trabalhar um serviço”, o que corrobora com a pesquisa de Cunha e Barbosa (1996),



os quais apresentam que, dentre os fatores de ordem pessoal influenciadores da decisão de abrir o negócio, o conhecimento sobre maneira de fabricar o produto/trabalhar o serviço possuiu maior percentual de concordância no estudo realizado. Neste cenário, ressalta-se também a FIND3, valor de 0,734, na afirmativa de “Tenho conhecimento técnico para gerir meu próprio negócio”, o que está de acordo com os estudos de Cunha e Barbosa (1996) e Testas e Moreira (2015) pois o conhecimento técnico sobre a gestão de um negócio juntamente com a personalidade do gestor/empreendedor são considerados fatores relevantes para abertura de um empreendimento.

No Construto Facilitadores de Recursos (FREC) a questão que apresentou a maior carga fatorial, de 0,848, foi a FREC2 “Tenho condições de contratar mão-de-obra qualificada para empreender um negócio”, o que corrobora com as pesquisas de Cunha e Barbosa (1996), Apsan (2014) e Testas e Moreira (2015) e Mirzanti, Simatupang e Larso (2015), os quais destacam que a possibilidade de contratação de mão de obra qualificada é um fator condicionante para o sucesso de uma nova empresa.

No âmbito dos dificultadores, o Construto Dificultadores Pessoal/individual (DIND), apresentou a maior média (0,853) na questão DIND6 “Tenho pouco receio do fracasso ou do risco de ter meu próprio negócio”, o que demonstra que os sentimentos de ambiguidade e de incerteza (como o despreparo e a insegurança) são fortes barreiras de caráter pessoal que interferem negativamente o surgimento do negócio, estando de acordo com as pesquisas de Leite (2012), Testas e Moreira (2015) e Souza et al. (2016).

Já no Construto de Dificultadores Governamental (DGOV), a questão que apresentou a maior carga (0,790) foi a DGOV5 “A quantidade de exigências burocráticas pode dificultar a abertura de uma empresa”, estes achados demonstram que a existência de diversos entraves para abertura de empresa independente do setor, a iniciar pela quantidade e lentidão dos procedimentos dos órgãos responsáveis contribui negativamente a prática empreendedora, o que atesta as pesquisas de Cunha e Barbosa (1996) e Apsan (2014).

Entretanto, no Construto Dificultadores de Apoio (DAPO), a questão DAPO4 “É difícil o acesso a programas de orientação empreendedora para criar ou manter um negócio” apresentou a maior carga fatorial, sendo (0,829), isto demonstra que a presença de instituições de apoio e programas específicos são considerados estímulos para o empreendedorismo, uma vez que essas instituições buscam contribuir para a criação e desenvolvimento de novos empreendimentos, corroborando, desse modo, com as assertivas de Apsan (2014) e GEM (2017).

Por conseguinte, também foi realizado a verificação da Comunalidade, onde os valores devem ficar acima de 0,5, uma vez que se refere a quantia total de variância que uma variável original compartilha com as demais variáveis da pesquisa (HAIR Jr. et al., 2007). Neste cenário, na Tabela 1 se verifica que as questões DGOV1 (0,421), DAPO1 (0,459) e DAPO5 (0,468) apresentaram uma baixa Comunalidade, contudo, foram mantidas na pesquisa, uma vez que são importantes para o entendimento dos construtos, o que conforme Hair Jr. et al. (2007) pode ser um critério utilizado pelo pesquisador.

Após a verificação de adequação da AFE para o tratamento estatístico dos dados, os fatores foram analisados por meio do método de Componentes Principais (HAIR Jr. et al., 2007) que evidencia 5 fatores (construtos), os quais explicam (Tabela2) 62,116% da variabilidade dos dados.



Tabela 2 – Fatores identificados

Componentes	Somadas rotativas de carregamentos ao quadrado		
	Total	% de variância	% cumulativa
1	3,288	14,945	14,945
2	3,124	14,201	29,146
3	2,734	12,428	41,575
4	2,479	11,267	52,842
5	2,040	9,274	62,116

Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

4.3 REGRESSÃO LINEAR MÚLTIPLA

Para a verificação da influência dos fatores facilitadores e dificultadores ao empreendedorismo no Estado do RN, utilizou-se a regressão linear múltipla (HAIR Jr. et al., 2007). Para tanto, a regressão linear indica os efeitos cumulativos de um grupo de variáveis explicativas (X_1, X_2, X_3 , etc.) em uma variável dependente (Y), assim como os efeitos separados dessas variáveis explicativas ($Y = \beta_1X_1 + \beta_2X_2 + \beta_3X_3 + \dots + \beta_0$) (HAIR Jr. et al., 2007). Neste cenário, a análise de relações consistiu na regressão linear entre as variáveis:

- As questões da dimensão Facilitadores de Recursos (FREC1, FREC2, FREC3, FREC4) sobre a média das questões Facilitadores Pessoal/individual (FIND1, FIND2, FIND3, FIND4, FIND5, FIND6), a qual resultou em $R^2 0,427$, o que demonstra uma intensidade moderada de influência do Fator FREC sobre o FIND. Neste cenário, Cunha e Barbosa (1996) e Mirzanti, Simatupang e Larso (2015) destacam que a motivação, a determinação e a habilidade do indivíduo juntamente com a disponibilidade de recursos são considerados fatores básicos para abertura de um negócio.
- As questões de Dificultadores de Apoio (DAPO1, DAPO2, DAPO3, DAPO4, DAPO5) sobre a média das questões Facilitadores Pessoal/individual (FIND1, FIND2, FIND3, FIND4, FIND5, FIND6), a qual resultou em $R^2 0,107$, o que demonstra uma baixa intensidade de influência do Fator DAPO sobre o FIND. Consoante Apsan (2014), Raimi (2015) e GEM (2017) a participação de instituições de apoio e programas específicos é de suma importância para o empreendedorismo, entretanto, poucos empreendedores procuram essas instituições para buscar de orientações sobre a gestão dos seus negócios.
- As questões de Dificultadores de Governamental (DGOV1, DGOV2, DGOV3, DGOV) sobre a média das questões Facilitadores Pessoal/individual (FIND1, FIND2, FIND3, FIND4, FIND5, FIND6), a qual resultou em $R^2 0,089$, o que demonstra uma baixa intensidade de influência do Fator DGOV sobre o FIND. Entretanto, Cunha e Barbosa (1996) destacam que as exigências burocráticas e tributárias excessivas e complexas não se configuram como sendo dificuldades relevantes para a prática empreendedora. Consoante isso, os achados da pesquisa refutam os pressupostos teóricos de Cunha e Barbosa (1996).
- As questões de Dificultadores de Pessoal/individual (DIND1, DIND2, DIND3) sobre a média das questões Facilitadores Pessoal/individual (FIND1, FIND2, FIND3, FIND4, FIND5, FIND6), a qual resultou em $R^2 0,032$, o que estatisticamente não é significativo. Souza et al. (2016), dependendo de como o indivíduo interpreta determinado fator, este torna-se um facilitador para aqueles que tem a tendência de arriscar, por exemplo; ao mesmo tempo que, indivíduos que tem aversão ao risco destacam esse fator como um dificultador para as ações empreendedoras.

Por conseguinte, realizou-se a análise da matriz de Correlação de Pearson a qual



verifica se as variáveis independentes estão altamente correlacionadas, ocasionadas quando as correlações se encontram acima de 0,8 (WOOLDRIGGE, 2006). No conjunto de dados analisados, a maior correlação encontrada são entre as variáveis FIND2<-->FIND5 (0,862) e FIND3<-->FIND5 (0,0842), as quais foram mantidas, pois contribuem para a explicação teórica da dimensão, contudo nas demais questões não se observa indícios de multicolinearidade.

Quanto aos resultados encontrados nas quatro regressões linear múltipla (Tabela 3) verificou-se que o maior poder de explicação está tarelado a FREC sobre o FIND, o qual é equivalente a 42,70% (R^2). O teste de significância apresentou valor de $p < 0,001$ para os modelos de FREC, DAPO e DGOV, indicando que os modelos de regressão estimados são adequados para o estudo. Entretanto, para o modelo DIND o teste apresentou valor de $p(0,065)$, o que é superior a 0,05, o que configura a significância estatística para a regressão, portanto não é possível afirmar que as variáveis DIND (DIND5, DIND6, DIND7) influenciam a dimensão de Facilitadores Pessoal/individual (FIND)

Tabela 3 – Resumo dos modelos de regressão^b

Dimensões	R	R ²	R ² ajustado	Erro padrão da estimativa
Facilitadores de Recursos (FREC) ^a	0,653 ^a	0,427	0,416	0,73526
^a . Preditores: (Constante), FREC4, FREC2, FREC3, FREC1 ^b . Variável dependente: MedFIND				
Dificultadores de Apoio (DAPO) ^a	0,326 ^a	0,107	0,086	0,91995
^a . Preditores: (Constante), DAPO5, DAPO2, DAPO1, DAPO3, DAPO4 ^b . Variável dependente: MedFIND				
Dificultadores de Governamental (DGOV) ^a	0,298 ^a	0,089	0,072	0,92697
^a . Preditores: (Constante), DGOV5, DGOV1, DGOV4, DGOV3 ^b . Variável dependente: MedFIND				
Dificultadores de Pessoal/individual (DIND) ^a	0,180 ^a	0,032	0,019	0,95306
^a . Preditores: (Constante), DIND7, DIND5, DIND6 ^b . Variável dependente: MedFIND				

Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo identificar os principais fatores facilitadores e dificultadores ao empreendedorismo no Estado do RN. Neste contexto, também se categorizou os fatores do empreendedorismo nas dimensões: Facilitadores - Facilitadores Pessoal/individual (FIND), Facilitadores de Recursos (FREC); e Dificultadores - Dificultadores Pessoal/individual (DIND), Dificultadores Governamental (DGOV) e Dificultadores de Apoio (DAPO), com intuito de colaborar para uma maior compreensão sobre tais elementos.

Na análise fatorial exploratória, os resultados apontaram que dentre as dimensões citadas, os fatores facilitadores estão atrelados ao conhecimento sobre a maneira de fabricar um produto/trabalhar um serviço, bem como nas condições de contratar mão-de-obra qualificada para empreender um negócio, o que está de acordo com os pressupostos de Korsgaard, Anderson Gaddefors (2016), os quais ressaltam a importância do conhecimento do empreendedorismo que pode auxiliar também gestores, formuladores de políticas e profissionais a desenvolver respostas empreendedoras para o contexto econômico, ambiental e social.

Sobre os fatores dificultadores, destacam-se o pouco receio do fracasso ou do risco de ter o próprio negócio, a quantidade de exigências burocráticas para a abertura de uma empresa,



e a dificuldade de acesso a programas de orientação empreendedora para criar ou manter um negócio. Tais achados corroboram com as premissas de Mirzanti, Simatupang e Larso (2015) e Testas e Moreira (2015), pois o risco traz consigo a insegurança, visto que em virtude de empreender, o gestor se depara constantemente com circunstâncias de incerteza para a viabilidade de um novo negócio.

Já na regressão linear múltipla, as evidências apontaram intensidade moderada de influência dos fatores Facilitadores de Recursos (FREC) sobre os fatores Facilitadores Pessoal/individual (FIND) e baixa intensidade de influência dos fatores Dificultadores de Apoio (DAPO), fatores Dificultadores Governamental (DGOV) e fatores Dificultadores de Pessoal/individual (DIND) sobre o FIND. Ressalta-se que esses fatores atuam simultaneamente influenciando a ação empreendedora (SOUZA et al., 2016). A depender do contexto, percebe-se que determinado fator, pode ser considerado um facilitador para a ação empreendedora, mas, em um dado momento, esse mesmo elemento poderá se tornar um aspecto dificultador. Por exemplo, o acesso a recursos de capital: caso o indivíduo tenha facilidade de obtenção de crédito financeiro para abrir o seu negócio, será um incentivo para o surgimento do empreendimento, caso contrário, inibirá a ação empreendedora.

No que tange as contribuições gerenciais, os achados da pesquisa trazem informações relevantes aos gestores sobre os facilitadores e dificultadores do empreendedorismo, podendo assim serem tomadas decisões mais assertivas, o que impactará na competitividade e performance das empresas, bem como no desenvolvimento regional. Quanto as implicações acadêmicas, o estudo discute a temática do empreendedorismo e traz um *framework* que poderá ser utilizado por demais pesquisadores, para ampliar a discussão sobre o tema, o que pode estimular a pesquisa científica.

Dentre as limitações desse estudo, apresenta-se o tamanho da amostra, devido ao número de respondentes em relação a expectativa inicial, bem como a dificuldade em se obter uma amostra mais significativa, a qual permitiria uma validação maior do estudo em questão. Recomenda-se para estudos futuros sobre o tema, ampliar o número de respondentes na tentativa de obter resultados mais conclusivos. Também sugere-se analisar os fatores apresentados em outros Estados brasileiros para, assim, ampliar a discussão sobre os resultados e verificar os facilitadores e dificultadores à prática empreendedora de acordo com contexto a ser analisado.

REFERÊNCIAS

AGRAWAL, S.; GUGNANI, R. Creating successful business model: Lessons for social entrepreneurship. **International Journal of Entrepreneurship and Innovation Management**, v. 18, n. 5-6, p. 438-445, 2014.

ÂMO, B.W.; ÂMO, W. K. Education through entrepreneurship: conditions for enhanced learning and reduced dropout. **International Journal of Entrepreneurial Venturing**, v. 5, n. 4, p. 327-344, 2013.

ANDERSON, A. R. Conceptualising entrepreneurship as economic 'explanation' and the consequent loss of 'understanding'. **International Journal of Business and Globalisation**, v. 14, n. 2, p. 145-157, 2015.

APSAN, M. **Fatores de apoio ao empreendedorismo: Um estudo comparativo entre Israel e**



o Brasil. 2014. 83 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Internacional) – Programa de Pós-Graduação em Gestão Internacional, Fundação Getúlio Vargas. São Paulo: FGV, 2014.

BECKER, A. **Análise das relações entre empreendedorismo, inovação e sustentabilidade ambiental na percepção de alunos do ensino superior.** 2017. 123 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Faculdade Meridional. Passo Fundo: IMED, 2017.

BERNARDI, L. A. Manual de Empreendedorismo e Gestão: Fundamentos, estratégias e dinâmicas. 1. Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

BROWN, T. A. Confirmatory factor analysis for applied research. New York: The Guilford Press, 2006.

CHAVEZ, R.; YU, W.; JACOBS, M. A.; FENG, M. Manufacturing capability and organizational performance: The role of entrepreneurial orientation. *International Journal of Production Economics*, v. 184, p. 33-46, 2017.

CROITORU, A. The Theory of Economic Development: An Inquiry into Profits, Capital, Credit, Interest and the Business Cycle. *Journal of Comparative Research in Anthropology and Sociology*, v. 3, n. 2, p.137-148, dez. 2012.

CUNHA, N.R.S.; BARBOSA, T. R. C. G. Alguns fatores intervenientes no processo de 'entrepreneurship': um estudo na microrregião da Zona da Mata de Viçosa-MG. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 20., 1996, Angra dos Reis. Anais... Angra dos Reis: ANPAD, 1996.

DAMASIO, Bruno Figueiredo. Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação psicológica*, v. 11, n. 2, p.213-228, 2012.

DEGEN, R. J. O empreendedor: empreender como opção de carreira. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

DORNELAS, J. Empreendedorismo: Transformando ideias em negócios. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

DOWNING, J. C. D. Estatística aplicada. São Paulo: Saraiva, 2011.

DRUCKER, P. F. Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship): práticas e princípios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.



EDOHO, F. M. Entrepreneurship paradigm in the new millennium. **Journal of Entrepreneurship in Emerging Economies**, v. 8, n. 2, p.279-294, 6 jun. 2016.

ENDEAVOR BRASIL. **Índice de cidades empreendedoras: Brasil 2016**. Disponível em: <https://endeavor.org.br/>. Acesso em junho/2016.

FERREIRA, V. **Estatística básica**. Rio de Janeiro: SESES, 2015.

FREDERICK, H. H. The emergence of biosphere entrepreneurship: are social and business entrepreneurship obsolete? **International Journal of Entrepreneurship and Small Business**, v. 34, n. 3, p. 381-419, 2018.

GADDEFORS, J.; ANDERSON, A. R. Entrepreneursheep and context: when entrepreneurship is greater than entrepreneurs. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, v. 23, n. 2, p.267-278, 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2014.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR (GEM). Empreendedorismo no Brasil: 2016\ Coordenação de Simara Maria de Souza Silveira Greco; diversos autores - Curitiba: IBQP, 2017.

HAIR JR. J. F., BLACK, W. C., BARDIN, B. J., ANDERSON, R. E. **Multivariate data analysis**. 7 ed. New Jersey: Prentice Hall, 2007.

IBGE. **Pesquisa de inovação: 2014**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

IYORTSUUN, A. S. Conceptual overview of social entrepreneurship and its relevance to Nigeria's third sector. **International Journal of Social Entrepreneurship and Innovation**, v. 4, n. 3, p. 242-256, 2016.

KORSGAARD, S.; ANDERSON, A.; GADDEFORS, J. Entrepreneurship as re-sourcing. **Journal of Enterprising Communities: People and Places in the Global Economy**, v. 10, n. 2, p.178-202, 2016.

KURATKO, D. F. Entrepreneurship theory, process, and practice in the 21st century. **International Journal of Entrepreneurship and Small Business**, v. 13, n. 1, p. 8-17, 2011.



LEITE, E. O Fenômeno do Empreendedorismo. São Paulo: Saraiva, 2012.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, análise e interpretação de dados. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

MIRZANTI, I. R.; SIMATUPANG, T. M.; LARSO, D. Entrepreneurship policy implementation model in Indonesia. **International Journal of Entrepreneurship and Small Business**, v. 26, n. 4, p. 399-415, 2015.

MIRZANTI, I. R.; SIMATUPANG, T. M.; LARSO, D. Evaluation of emerging entrepreneurship policy. **International Journal of Economic Policy in Emerging Economies**, v. 11, n. 1-2, p. 49-67, 2018.

MORO, D.; POLI, A.; BERNARDI, C. Training the future entrepreneur. **International Journal of Entrepreneurship and Small Business**, v. 1, n. 1-2, p. 192-205, 2004.

NEUFELD, J. L. **Estatística aplicada a administração usando Excel.** São Paulo: Prentice Hall, 2003.

OJHA, D.; SHOCKLEY, J.; ACHARYA, C. Supply chain organizational infrastructure for promoting entrepreneurial emphasis and innovativeness: The role of trust and learning. **International Journal of Production Economics**, v. 179, p. 212-227, 2016.

PACKARD, M. D.; BYLUND, P. L. On the relationship between inequality and entrepreneurship. **Strategic Entrepreneurship Journal**, v. 12, n. 1, p. 3-22, 2018.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAIMI, L. Discourse analysis of entrepreneurship definitions and theories: implication for strengthening academic research. **International Journal of Entrepreneurship and Small Business**, v. 26, n. 3, p. 368-388, 2015.

SARASVATHY, S. D. The questions we ask and the questions we care about: reformulating some problems in entrepreneurship research. **Journal of Business Venturing**, v. 19, n. 5, p.707-717, 2004.

SEBRAE. Perfil das MPE's Potiguares. Disponível em:<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/rn/sebraeaz/estudos-e-pesquisas>



conjuntura-do-rio-grande-do-norte,94cd9aca093f3510VgnVCM1000004c00210aRCRD.
Acesso em: Jun/2018.

SCHUMPETER, J. A. Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1997.

SHOCKLEY, G. E.; STOUGH, R. R.; HAYNES, K. E.; FRANK, P. M. Toward a theory of public sector entrepreneurship. *International Journal of Entrepreneurship and Innovation Management*, v. 6, n. 3, p. 205-223, 2006.

SOUZA, G. H. S.; COELHO, J. A. P. M.; ESTEVES, G. G. L.; SANTOS, P. C. F. Inventário de Barreiras e Facilitadores ao Empreendedorismo: construção e validação de um instrumento. *Revista Eletrônica de Administração*, v. 22, n. 3, p.381-412, 2016.

VALE, G. M. V.; CORREA, V. S.; REIS, R. F. Motivações para o empreendedorismo: necessidade versus oportunidade? *Revista de Administração Contemporânea*, v. 18, n. 3, p. 311-327, 2014.

TESTAS, C. P. H.; MOREIRA, A. F. P. S. R. M. Análise da propensão empreendedora dos alunos do Pólo de Viseuda Universidade Católica Portuguesa. *Millenium*, p. 95-134, 2015.

WELTER, F.; XHENETI, M.; SMALLBONE, D. Entrepreneurial resourcefulness in unstable institutional contexts: The example of European Union borderlands. *Strategic Entrepreneurship Journal*, v. 12, n. 1, p. 23-53, 2018.

WOOLDRIGGE, J. M. **Introdução à econometria**: uma abordagem moderna. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2006.